MEMÓRIA E COMPETÊNCIA

Palavras e ideias, o mais importante no teatro este ano

Texto João Carneiro

Em 2011, do caos cultural e moral que tem soprado em Portugal, e que não é mais do que uma das consequências lógicas de uma sociedade regida por um sistema financeiro crassamente e exclusivamente monetarista, as tendências mais interessantes, no teatro, vão felizmente contra aquilo que de pior a nossa administração central se obstina em manter. São tendências que se prendem com um interesse particular quer pela memória quer pela palavra, e de que "Pequenos Burgueses" é um exemplo recente, desequilibrado, mas no qual quer a inteligência das escolhas textuais quer a honestidade dos intérpretes, preocupados com a correção e a eficácia — o que se costumava chamar "trabalho bem feito" —, são de assinalar. Nesta linha, e dando um passo à frente, Pedro Alves concluiu a sua trilogia elaborada a partir do universo literário de John Berger, sobre as raízes em extinção de núcleos sociais europeus contemporâneos. Contudo, neste domínio, a palma vai para o excelente "Pleasure Gardens", exemplo maior de um cuidado especial dado às ideias e às palavras, enquanto património vivo e potencialmente atuante, capaz de gerar uma espécie de pequena e nova "obra de arte total". "The Children's Emperor" e "Woyzeck" são outros casos desta tendência global, o primeiro fazendo derivar do horror da II Guerra um conjunto de imagens e sons em apenas quinze minutos de inteligência, e o segundo revendo o drama de Büchner à luz da realidade sul-africana e do teatro de marionetas. "A Flauta Mágica", dos Thalia Kompagnons, faz o pequeno milagre de misturar bonecos e humanos com a música de Mozart. "Do Alto da Ponte" foi a possibilidade de dar a ver, com correção e honestidade, uma peça sintomática do melhor que a América do Norte tem produzido na relação entre atualidade e memória cultural. E se "Cercles/Fictions" era um pequeno prodígio de escrita dramática, "Santa Joana dos Matadouros" leva-nos para aquilo que de melhor a escola, o estudo, o trabalho e a inteligência podem produzir no universo da arte. Finalmente, em "Ela" e "A Varanda" é de religião que se trata, mas é também da vida das imagens e da vida dos homens, da vida no quotidiano e das representações desse quotidiano que falam os espetáculos. Depois deles, não se poderá dizer que questões como a relação entre a sociedade e a arte, entre o real e a ficção, entre o representante e o representado ficam por tratar. Como não se pode dizer que o mundo das imagens, o mundo das representações, e o mundo das ficções estão de um lado, e a vida dita real de outro. O mundo é só um, e tudo tem consequências. A

ESCOLHAS

A VARANDA/ELA
de Jean Genet
encenação de Luís Miguel Cintra

SANTA JOANA DOS MATADOUROS
de Bertolt Brecht
encenação de Bernard Sobel

PLEASURE GARDENS
de André Guedes

THE CHILDREN'S EMPEROR/THE PIANIST
de Misha Twitchin

PEQUENOS BURGUESES
a partir de Carlos de Oliveira
encenação e interpretação de Nádia Nogueira e Diogo Fernandes Andrade

EUROPA/TRÓIA
a partir de John Berger
encenação de Pedro Alves

DO ALTO DA PONTE
de Arthur Miller
encenação de Gonçalo Amorim

CERCLES/FICTIONS
de Joel Pommerat
encenação de Joel Pommerat

WOYZECK ON THE HIGHVELD
a partir de Büchner
pela Handspring Puppet Company

A FLAUTA MÁGICA
a partir de Mozart
pelos Thalias Kompagnons